

Morte e vida Severina: proposta interdisciplinar de ensino

JOSIANE DE CÁSSIA ZANETI*

Resumo

Inspirando-se na obra literária *Morte e vida Severina*, redigida por João Cabral de Melo Neto, este artigo apresenta uma proposta de interdisciplinaridade para escolas de Ensino Fundamental e/ou Médio, cujo objetivo é, em uma abordagem menos fragmentada, demonstrar a complexidade de questões sócio-ambientais.

Palavras-chave: Morte e Vida Severina; interdisciplinaridade; Educação Ambiental.

Morte e vida Severina: a proposal of interdisciplinary teaching

Abstract

Inspired by the literary work *Morte e vida Severina*, written by João Cabral de Melo Neto, this article presents a proposal of interdisciplinarity for schools of secondary and/or high schools, with the intention of, in a less fragmented approach, to demonstrate the complexity of social-environmental questions.

Key words: Morte e vida Severina; interdisciplinarity; Environmental Education.



* **JOSIANE DE CÁSSIA ZANETI** é Mestra em Educação para a Ciência pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2012) campus de Bauru.



Um caminho para a interdisciplinaridade na escola

A realidade das escolas se assemelha de certo modo à realidade ambiental, conhecemos alguns dos inúmeros problemas enfrentados cotidianamente, e vivenciamos os desafios que nos são postos através da rotina de ensinar e de viver. Entretanto, não conseguimos enxergar mudanças efetivas que alterem o quadro que conhecemos de modo significativo; uma mudança transformadora que torne a educação um bem acessível a todos e o respeito ao ambiente natural como prioridade de nossas atitudes. Em meio ao contexto ambiental e educacional que nos encontramos, a prática interdisciplinar se mostra como uma ferramenta fundamental para dar ao processo de ensino aprendizagem o caráter articulado que questões complexas necessitam para sua correta compreensão.

A interdisciplinaridade é comumente entendida como a integração de diferentes disciplinas, por meio da

abordagem de questões comuns e que, permitem um olhar multifacetado. Carlos (2007) discute que o termo interdisciplinaridade possui diversas interpretações, sendo entendido como multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade ou transdisciplinaridade gerando equívocos em decorrência de sua estreita semelhança. Grosso modo, este autor diferencia tais termos, baseando-se em Japiassu (1976), da seguinte maneira: a multidisciplinaridade como uma ação fragmentada e simultânea em torno de uma mesma questão; a pluridisciplinaridade seria muito semelhante à primeira, apresentando entretanto uma relação discreta entre as disciplinas. Este autor entende a interdisciplinaridade como uma interação coordenada das disciplinas, localizadas em diferentes níveis hierárquicos, por meio de um eixo integrador interdisciplinar (CARLOS, 2007).

Há que se considerar também a visão de interdisciplinaridade dos Parâmetros

Curriculares Nacionais (PCN), que sugere diretrizes norteadoras para a educação brasileira. Segundo este documento, tanto a transversalidade como a interdisciplinaridade criticam a concepção de conhecer a realidade de forma neutra e, como mera fonte de dados estáticos, apontando sempre na direção da complexidade das relações entre os mais diversos aspectos da vida. Sua diferença fundamental consiste no caráter da abordagem epistemológica dos objetos de conhecimento na interdisciplinaridade enquanto que, a transversalidade se refere mais ao campo da didática.

A interdisciplinaridade questiona a segmentação entre os diferentes campos de conhecimento produzida por uma abordagem que não leva em conta a inter-relação e a influência entre eles — questiona a visão compartimentada (disciplinar) da realidade sobre a qual a escola, tal como é conhecida, historicamente se constituiu.

A transversalidade diz respeito à possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real e de sua transformação (aprender na realidade e da realidade). É a uma forma de sistematizar esse trabalho e incluí-lo explícita e estruturalmente na organização curricular, garantindo sua continuidade e aprofundamento ao longo da escolaridade. (BRASIL, 1998, p. 30)

Tal relação de mútua interferência entre interdisciplinaridade e transdisciplinaridade dos PCN é explicitada nos Temas Transversais propostos por esse documento. Este

expõe de tal forma as relações do objeto de conhecimento a ponto de diminuir as fronteiras entre as disciplinas. Considerando não apenas a dimensão conceitual, mas também a inclusão de aspectos socioculturais presentes para além dos muros escolares e a somatória de um caráter participativo e integrador do estudante em relação ao ambiente, propõe uma relação dialógica com o objeto de conhecimento capaz de interferir nesse mesmo meio; gera assim, a impressão de que ambos os termos se complementam mais do que diferenciam.

O aspecto sociocultural que se refere o PCN é o ponto em que queremos tocar neste texto, enfocando especificamente a Educação Ambiental (EA) como capaz de munir o estudante de tal habilidade dialógica e integradora na relação que estabelece com o meio ao qual está inserido. O PCN toma Meio Ambiente como um de seus eixos transversais, com a intenção de que este seja capaz de permear todo o processo de ensino aprendizagem.

A solução dos problemas ambientais tem sido considerada cada vez mais urgente para garantir o futuro da humanidade e depende da relação que se estabelece entre sociedade/natureza, tanto na dimensão coletiva quanto na individual.

Essa consciência já chegou à escola e [...] vê-se a importância de incluir Meio Ambiente nos currículos escolares como tema transversal, permeando toda prática educacional. É fundamental, na sua abordagem, considerar os aspectos físicos e biológicos e, principalmente, os modos de interação do ser humano com a natureza, por meio de suas relações sociais, do trabalho, da ciência, da

arte e da tecnologia (BRASIL, 1998, p.169).

Muitas formas de incluir tais problemáticas ambientais e/ou ecológicas são efetivadas no dia a dia das escolas. Não consideramos em nosso ponto de vista, aquela EA já banalizada da coleta de materiais recicláveis sem um fim específico e com um início contraditório, (consumir para levar a embalagem para a coleta da escola), ou mesmo a limpeza de um ambiente totalmente alheio ao estudante. As ações que têm se mostrado efetivas são aquelas que, emotiva e afetivamente, envolvem os estudantes na tarefa de (re)conhecer o ambiente ao qual está inserido, para que possibilite uma relação do estudante com o posterior objeto de estudo, às vezes distante de sua realidade e de caráter mais abstrato.

Trabalhos como os de Cerati e Lazarini, (2009); Seniciato e Cavassan (2004) e Seniciato e Cavassan (2009), embora sejam caracterizados dentro do ensino de ecologia, são exemplos de pesquisas que envolvem aspectos socioculturais permeados pelo sentimento de pertença e integração ao meio e de percepção estética e afetiva com este. Tais pesquisas deixam uma visão clara de que somente a relação de conhecer de modo concreto por meio dos sentidos possibilita o conflito cognitivo necessário para gerar uma motivação no contexto educacional e um desejo de preservação do patrimônio natural mais amplo.

Tais trabalhos prescindem desse contato concreto com o meio, sem o qual tal abordagem dificilmente se realiza e cuja viabilidade no contexto escolar dificilmente é possível. O que não significa que a temática ambiental não possa ser estudada a contento. Como

alternativa a tal situação, temos a prática interdisciplinar como aliada. Citamos como exemplo o trabalho de Santos, Cavassan & Battistelle (2010), que estabelece um paralelo entre a obra *A Cidade e as Serras* do escritor português Eça de Queiroz e o urbanismo contemporâneo. Trata-se de uma relação entre literatura e a graduação em Arquitetura, que traz a mesma tônica da nossa proposta, a de utilizar meios de dentro da própria dinâmica escolar em favor das questões do foro ambiental. Não se trata de uma abordagem multidisciplinar relativa ao dia da Árvore ou ao dia do Meio Ambiente, onde cada professor desenvolve algo relativo ao tema isoladamente, sem nem ao menos tomar conhecimento do que fora feito em outra disciplina. Mas significa enriquecer a problemática ambiental com múltiplos olhares, unindo o conhecimento dos educadores, outrora fragmentados, em uma empreitada coletiva e articulada em torno de uma mesma temática, de um mesmo contexto complexo, ambiental e socialmente, e porque não, também histórico e político? É de acordo com essa discussão que se apresenta nossa proposta, que está vinculada a obra de João Cabral de Melo Neto, *Morte e Vida Severina*.

Um breve olhar sobre a obra

Morte e vida Severina é um auto de Natal pernambucano que retrata a vida dura do nordestino, representado por um jovem retirante. Escrito entre os anos de 1954-55, apresenta a extensão do rio Capibaribe, do interior da Paraíba até a cidade de Recife em Pernambuco, como palco da trajetória do personagem que se apresenta:

– O meu nome é Severino,
não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria;
como há muitos Severinos

[...]

Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passo a ser o Severino
que em vossa presença emigra.
(MELO NETO, 2007, p.91-93)

Severino segue o trajeto do rio
Capibaribe, cantando as cidades como
contas de um rosário para não se perder,
pois o rio é intermitente e no verão seca.

[...]

Pensei que seguindo o rio
eu jamais me perderia:

[...]

Vejo que o Capibaribe,
como os rios lá de cima,
é tão pobre que nem sempre
pode cumprir sua cina
e no verão também corta,
com pernas que não caminham.
(MELO NETO, 2007, p.98)

Tal trajeto é feito pelo retirante
Severino com o objetivo de fugir da
seca do sertão, esperando encontrar
melhores condições de vida na zona
litorânea. O pano de fundo da poesia
narrativa é uma profunda análise da
realidade social e geográfica nordestina,
temática que não poderia ser mais atual.
Severino em seu caminho vai
encontrando outros personagens que
vão narrando as condições de opressão,
miséria e descaso com a vida humana e
com o ambiente, sempre se encontrando
com a sombra da morte pelo caminho.

– Mas então por que o mataram,
irmão das almas,
mas então por que o mataram
com espingarda?

– Queria mais espalhar-se,
irmão das almas,
queria voar mais livre
essa ave-bala.

(MELO NETO, 2007, p.95)

[...]

– Com a vinda das usinas
há poucos engenhos já;
nada mais o retirante
aprendeu a fazer lá?
– Ali ninguém aprendeu
outro ofício, ou aprenderá
mas o sol, de sol a sol,
bem se aprende a suportar.
(MELO NETO, 2007, p.103)

[...]

– Bem me diziam que a terra
se faz mais branda e macia
quanto mais do litoral
a viagem se aproxima.
Agora afinal cheguei
nessa terra que diziam.

[...]

Mas não avisto ninguém,
só folhas de cana fina;
somente ali a distância
aquele bueiro de usina;
somente naquela várzea
um banguê velho em ruína.
Por onde andaré a gente
que tantas canas cultiva?

[...]

– É de bom tamanho,
nem largo nem fundo,
é a parte que lhe cabe neste
latifúndio.

(MELO NETO, 2007, p.106-108)

Sua característica de auto de Natal é
percebida no fim, quando o personagem
desiludido com a vida que encontra no
litoral, presencia o nascimento de uma

criança e, a oferta de presentes ao recém-nascido, representando que apesar de todas as dificuldades encontradas por ele em sua vida severina, a vida sempre triunfa.

– Severino, retirante,
deixa agora que lhe diga:
eu não sei bem a resposta
da pergunta que fazia,
se não vale mais saltar
fora da ponta e da vida;
nem conheço essa resposta,
se quer mesmo que lhe diga.
É difícil defender,
só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é
esta que vê, severina;
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,
ela, a vida, a respondeu
com sua presença viva.
E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:

[...]

mesmo quando é a explosão
de uma vida Severina.
(MELO NETO, 2007, p.132-133)

Conhecendo a interdisciplinaridade proposta

O texto, um poema narrativo com características sonoras provocadas pela maioria dos versos em redondilha maior¹, sem um esquema regular de rimas e com constantes repetições de palavras e/ou versos interiores, fornecem um terreno fértil para as aulas de literatura. Há ainda a adjetivação do substantivo próprio – Severino, vida severina e, a inversão da ordem do sintagma “vida e morte” para “morte e vida” fazendo alusão direta a qualidade da vida severina vivida no sertão.

¹ Verso de sete sílabas poéticas, pertencente à tradição medieval.

Outro ponto importante que deve ser abordado a partir da obra é a identificação do território que Severino percorre, a região Nordeste do Brasil que está sendo apresentada ao longo de sua caminhada. A paisagem vai sendo descrita no desenrolar do poema, as condições do solo, as elevadas temperaturas e a seca. O personagem inicia sua sina no Agreste da Caatinga, alcança a Zona da Mata até chegar ao litoral, aos manguezais na foz do rio Capibaribe com o mar na cidade de Recife. É fundamental que se conheça o bioma Caatinga e que se entenda as sub-regiões com as características da vegetação peculiares a cada uma no Nordeste brasileiro. Tais características são essenciais para entender a dinâmica natural dessa região e a maneira como influenciam a vida da população nordestina e o fluxo migratório do Nordeste para as regiões mais ao sul do país.

O uso de metáforas já é um velho conhecido do ensino, afinal cotidianamente lançamos mão desse recurso para tentar fazer que conceitos abstratos se tornem mais tangíveis aos estudantes. Em *Morte e Vida Severina*, o autor faz uso deste recurso que, se explorado produzirá atividades interessantes. Como exemplo, podemos citar a intermitência do rio Capibaribe que “no verão também corta, com pernas que não caminham”. O que isso significa? Essa é uma questão que permitirá abordar o fenômeno de intermitência do rio, investigar suas causas, estudar a bacia hidrográfica a qual pertence o rio, estudar inclusive o conceito de bacia hidrográfica e todas as suas implicações para a preservação do ambiente e da qualidade das águas.

Abaixo, chamamos a atenção para o trecho destacado:

Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,
e iguais também porque *o sangue
que usamos tem pouca tinta.*
(MELO NETO, 2007, p.92, grifo
nosso).

A parte em destaque pode ser interpretada como se referindo a um quadro de anemia, que compromete o transporte de oxigênio em decorrência da baixa concentração de hemoglobina nas hemácias do sangue. A hemoglobina é a proteína responsável pela cor vermelha do sangue, esta contém moléculas de ferro em sua composição, que são as moléculas responsáveis pela ligação com as moléculas de oxigênio que serão transportadas pelas hemácias para todo o corpo. A anemia pode ser uma doença genética, decorrente de hemorragias ou, relacionando ao contexto de Severino, pode ser em consequência de uma alimentação carente de ferro (AMABIS & MARTHO, 2004). Há ao longo do texto outras metáforas, como a “*ave-bala*”, que podem também ser interpretadas seguindo princípios semelhantes, gerando ricas discussões.

As características geográficas, biológicas e sociais abordadas até aqui formam um panorama regional que será compreendido de maneira mais completa se houver um aprofundamento na história da região, que faz parte do berço da colonização do Brasil. O período colonial, as invasões holandesas em Pernambuco, o ciclo da cana de açúcar e os latifúndios, o tráfico de escravos, os indígenas, as insurreições populares e as guerras como a de Canudos, o coronelismo, o voto de

cabresto e a compra de votos, a transposição do Rio São Francisco, entre outras questões que, se estudadas podem colaborar para uma visão mais fidedigna da realidade, contribuindo para a desconstrução do senso comum a respeito do Nordeste, a de que seus problemas são decorrentes de causas exclusivamente naturais.

Cabe destacar que o poema é permeado pela *questão agrária*. Em diferentes momentos, o autor apresenta situações de conflito que tem como pano de fundo a disputa pela terra, o latifúndio e a monocultura. A questão ambiental fica aqui evidente, e pode ser diretamente relacionada aos problemas sociais da migração e da baixa qualidade de vida da população. A monocultura, por exemplo, está diretamente ligada aos problemas ambientais. Ela causa o empobrecimento do solo e a diminuição da infiltração da água, diminuição da biodiversidade, além do que o uso de agrotóxicos para conter as pragas da cultura pode contaminar os cursos d’água e os lençóis freáticos. Isso sem considerar que tende a aumentar o êxodo rural, gerando um fluxo migratório para locais que, normalmente, não possuem saneamento básico adequado, nem infraestrutura como escolas, hospitais e moradias suficientes. O resultado é o inchamento das periferias, o aumento da poluição dos corpos de água, o desemprego e o subemprego e até mesmo, o aumento da criminalidade. Outros fatores colaboram para afastar a população do campo, como a falta de apoio técnico para o cultivo do solo, por exemplo.

Há duas atividades que gostaríamos de propor. A primeira seria a encenação do poema, remontando sua origem que foi

primeiramente escrito para o teatro², como uma forma de encerramento do processo de estudo interdisciplinar inspirado pela obra. A segunda, e que também poderia colaborar como um processo avaliativo, seria pedir aos estudantes que escrevessem um texto com características semelhantes, utilizando um estilo literário que mais lhes agradasse, (prosa, narração, dissertação ou poesia), tomando como guia um rio importante de sua cidade ou região e fosse descrevendo as características geográficas, biológicas, sociais, permeados por aspectos culturais e históricos encontradas nessa viagem, que seria a epopéia dos próprios estudantes, enfatizando problemas ambientais e se possível propondo intervenções.

Todas as relações interdisciplinares discutidas anteriormente, tendo como ponto de partida a obra *Morte e Vida Severina*, entre outras colocações que poderiam ter sido feitas, fazem parte de uma visão proposta de interdisciplinaridade a ser desenvolvida na escola de Ensino Fundamental ou Médio (anos finais do Fundamental ou iniciais do Médio), pela equipe de professores através de uma profunda interação entre eles. A divisão entre as disciplinas não foi explicitada aqui propositadamente evidenciando a importância de ações conjuntas articuladas que forneçam significado contextualizado e que demonstrem o caráter complexo dos problemas sócio-ambientais.

Considerações

² Trata-se de um auto, teatro de gênero dramático, originário do período correspondente a idade Média (FERREIRA, 2000).

Procuramos apresentar nossa proposta em forma de discussão, através de algumas notas preliminares, com a intenção de manter a subjetividade do professor durante o ato de ensinar, assim nos afastamos de descrições de regras e normas das receitas prontas que podem cercear a liberdade didático-pedagógica de cada professor e da equipe escolar.

A Educação Ambiental contemporânea não separa o homem do ambiente. Neiman (2002) afirma que todos os ecossistemas sofreram alguma interferência humana e que os menos afetados são projetados como intactos somente pela nossa imaginação, fruto de uma cultura do ambientalismo moderno de preservação, mas essa é uma noção falsa. A presença do homem está em toda parte, por isso que desenvolver Educação Ambiental contemporânea na verdade significa ressaltar a interação necessária entre os seres humanos e destes com as outras formas de sociabilidade entre vida e o ambiente, recolocando o homem como parte integrante da natureza e dependente da mesma.

Referências

AMABIS, J. M. & MARTHO, G. **Biologia**. v.1. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.

BRASIL. 1998. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf>> Acesso em: 04/11/2010.

CARLOS, J. C. **Interdisciplinaridade no Ensino Médio: desafios e potencialidades**. Brasília. 2007. 161f. Dissertação (Mestrado em Educação para Ciência) Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Universidade de Brasília. Disponível em:

<http://vsites.unb.br/ppgec/dissertacoes_2007.htm>. Acesso em 02/11/2010.

CERATI, T. M.; LAZARINI, R. A. M. A Pesquisa-Ação em Educação Ambiental: Uma experiência no entorno de uma unidade de conservação urbana. **Ciência e Educação**, v. 15, n. 2, pp. 383-392, 2009.

FERREIRA, A. B. H. **Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2000.

MELO NETO, J. C. **Morte e Vida Severina e Outros poemas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

NEIMAN, Z. & RABINOVICI, A. O Cerrado como Instrumento para Educação Ambiental em Atividades de Ecoturismo. In: NEIMAN, Z. (Org.) **Meio Ambiente, Educação e Ecoturismo**. Barueri: Manole, 2002. cap.7, p.135-158.

SANTOS, M. F. N.; CAVASSAN, O.; e BATTISTELLE, R. A. G. A Cidade e as Serras. Eça de Queiroz e a construção do pensamento ambiental. **Arquitextos**. São Paulo, 10.124, Vitruvius, set/2010. Disponível em: <<http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.124/3574>>. Acesso em: 31/10/2010.

SENICIATO, T.; CAVASSAN, O. Aulas de campo em ambientes naturais e aprendizagem em ciências – Um estudo com alunos do ensino fundamental. **Ciência & Educação**, v. 10, n. 1, p. 133-147, 2004.

_____, O. O ensino de ecologia e a experiência estética no ambiente natural: considerações preliminares. **Ciência & Educação**, v. 15, n. 2, p. 393-412, 2009.

Recebido em 2014-05-27
Publicado em 2014-09-12